

**A PSICOLOGIA EDUCACIONAL E O ENSINO DA PAIXÃO,
DO PRAZER E DA DOR (MINAS GERAIS – 1920-1960)**

The educational psychology and the teaching of passion, pleasure and pain (Minas Gerais – 1920-1960)

Maria Madalena Silva de Assunção*

RESUMO

A partir dos conteúdos dos livros didáticos utilizados na disciplina Psicologia Educacional no curso normal, entre as décadas de 20 a 60 do século XX, selecionei, para estudo, os temas paixão, prazer e dor de modo a analisar como estes temas sustentavam as discussões relativas à afetividade. Foram selecionados livros de 11 (onze) autores, sendo 11 (onze) títulos e 41 (quarenta e uma) edições. O livro didático, no período tratado, tem um significativo valor na formação de professoras, por isso a importância de se conhecer como as questões concernentes aos sentimentos e afetividade foram apresentadas às alunas. Essa discussão introduz a idéia do que deveria ser buscado e do que deveria ser evitado; a dimensão moral presente nessas discussões pode ter contribuído substancialmente para a constituição de um modo de pensar, de ser, de sentir, de viver as relações afetivas e a futura prática docente.

Palavras-chave: Livro didático. Psicologia Educacional. Afetividade

ABSTRACT

Basing on didactic books contents which were worked with in Educational Psychology subject in Elementary Teaching Course Formation (Curso Normal) from the 20s to 60s, I have selected as an area of study, the themes of passion, pleasure and pain in order to analyse how these topics supported the discussions related to affection. Books by eleven different authors were selected, among them eleven different titles and 41 different editions. The didactic books from the period focused have meaningful value in what concerns the teachers' formation. Therefore, it becomes important to know how questions regarding feelings and affection were introduced to the students. The idea of what was supposed to be either achieved or avoided is brought by this discussion; the moral dimension presented in the debates already mentioned may well have substantially contributed to the constitution of a way of thinking, being, feeling as well as living the affectionate relations and the future teaching practice.

Keywords: Didactic book. Educational Psychology. Affection

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações. Contato: mms.a@terra.com.br

Para análise dos temas atinentes à paixão, prazer e dor (estados afetivos) veiculados nos livros didáticos da disciplina Psicologia Educacional, no período que compreende as décadas de 20 a 60 do século XX, foram selecionados como referência os livros de 11 (onze) autores, sendo 11 (onze) títulos e 41 (quarenta e uma) edições diferentes.

Na seleção dessas fontes, foi considerado o fato de o livro ter sido escrito para a utilização como material didático nas Escolas Normais, bem como em outros estados, de modo a permitir uma visão mais ampla dos temas abordados na disciplina Psicologia Educacional, não só em Minas Gerais.

Desse modo, os livros didáticos analisados foram dos seguintes autores: Afro do Amaral Fontoura, Antônio Xavier Teles, Antônio de Sampaio Dória, Guerino Casasanta, Iago Victoriano Pimentel, Iva Waisberg Bonow, Justino Mendes, Manoel José do Bomfim, Noemy da Silveira Rudolfer, Ruy de Ayres Bello, Theobaldo Miranda Santos.

O livro de Iago Victoriano Pimentel, *Noções de Psicologia aplicadas à Educação*, teve sua primeira edição publicada, possivelmente, em 1931. A dificuldade em situar precisamente a data de sua publicação deve-se ao fato de não constar nesse livro, como também em outros da mesma época, a data de publicação. No exemplar localizado, há uma dedicatória com a data de *XV.III.931*, o que nos leva a crer que a primeira edição tenha sido de 1931.

Iago Victoriano Pimentel foi professor da cadeira de Psicologia Educacional na Escola Normal Modelo de Belo Horizonte a partir da Reforma de Ensino de 1928, até aproximadamente a década de 50, o que confirma sua importância no campo da Psicologia Educacional em Minas Gerais. Seu livro atravessou décadas formando as alunas do Curso Normal, com a primeira edição publicada em 1931, e a última, localizada por mim, a décima terceira, publicada em 1967.

Guerino Casasanta, também foi professor da cadeira de Psicologia Educacional na Escola Normal. Tudo indica que isso tenha ocorrido no período em que Iago Victoriano Pimentel se afastou dessa atividade. A primeira edição de seu livro *Manual de Psicologia Educacional* foi publicada em 1950. A última edição localizada foi a quarta, publicada em 1961.

O livro de Manoel José do Bomfim, *Noções de Psychologia*, foi selecionado pelo fato de ter sido indicado no programa oficial de Psicologia Educacional, proposto em decorrência da Reforma de Ensino Francisco Campos em Minas Gerais. Esse livro teve sua primeira edição publicada em 1916, a segunda em 1917 e a quarta edição, a localizada, em 1928. Manoel José do Bomfim foi professor da Escola Normal, diretor do Pedagogium e diretor do Laboratório de Psychologia Experimental no Rio de Janeiro.

O livro de Theobaldo Miranda Santos (professor do Instituto de Educação no Rio de Janeiro), *Noções de Psicologia Educacional*, foi escrito, de acordo com o anunciado no próprio livro, para atender aos programas das Faculdades de Filosofia e dos Institutos de Educação das Escolas Normais. A data da publicação da primeira edição não foi localizada. A segunda edição foi publicada em 1947, a quarta em 1951, a quinta em 1954 e a sexta, última edição localizada, foi publicada em 1955.

Iva Waisberg Bonow, também professora de Psicologia no Rio de Janeiro, autora do livro *Elementos de Psicologia*, prefaciado por Lourenço Filho, indicado para as Escolas Normais

e Curso Colegial. Foram localizadas duas edições desse livro, sendo a primeira publicada em 1954, e a oitava em 1966. Também coordenado pela mesma autora, foi localizado o livro *Manual de Trabalhos Práticos de Psicologia Educacional*, em sua quarta edição de 1968.

Afro do Amaral Fontoura é autor do livro *Psicologia Educacional*, sendo a primeira edição de 1958 e a segunda de 1959. Parece ter sido um livro bastante utilizado na época, uma vez que a décima terceira edição foi publicada em 1966, no curto espaço de 8 (oito) anos após a publicação da primeira.

Antônio de Sampaio Dória, professor da Escola Normal de São Paulo, publicou *Psychologia*, do qual localizei três edições, sendo a terceira publicada em 1930, a quarta em 1932 e a quinta em 1935, e o livro *A Evolução da Psicologia Educacional através de um histórico da Psicologia Moderna* de Noemy da Silveira Rudolfer, professora de Psicologia Educacional e responsável pelo Laboratório de Psicologia Educacional na Escola Normal Caetano de Campos em São Paulo. Seu livro teve a primeira edição publicada em 1938 com e a segunda edição publicada 23 (vinte e três) anos após, em 1961, com o título *Introdução à Psicologia Educacional*.

Do livro de Ruy de Ayres Bello, *Introdução à Psicologia Educacional*, foi localizada a terceira edição de 1964, sem referência a edições anteriores. Esse livro foi adotado, pelo que pude constatar, em pelo menos 1 (uma) escola (particular) de Belo Horizonte, no início da década de 60. Ruy de Ayres Bello foi professor do Curso Normal do Instituto de Educação, da Universidade do Recife e da Universidade Católica de Pernambuco.

O livro de Antônio Xavier Teles, *Psicologia Moderna*, foi tomado mais como um exemplo de fenômeno editorial do que propriamente um livro a ser analisado. A primeira edição desse livro, apesar de não ter sido localizada, deve ter ocorrido por volta de 1965/66. A segunda edição é de 1968, a terceira de 1969; em 1974 foram publicadas pelo menos 4 edições, ou seja da 7ª à 10ª, pois em 1975 a edição localizada foi a 14ª. O livro foi reeditado a cada ano, sendo a vigésima quinta edição a última localizada, publicada em 1988, o que não significa que tenha sido a última edição do livro.

O critério básico para discutir os conteúdos dos livros didáticos, foi o de separá-los por década de publicação, sendo possível posteriormente comparar e analisar os diferentes títulos e autores, mudanças ocorridas em cada edição, bem como as possíveis alterações no modo de tratar os temas analisados.

O termo livro didático é aqui utilizado, conforme argumenta Batista (2000), para designar uma gama variada de objetos portadores dos impressos que circulam na escola. O livro didático, nesse sentido, seria então o livro ou impresso utilizado pela escola para o desenvolvimento de um processo de ensino ou de formação. Assim, ele faz parte, não arbitrariamente, da cultura escolar, o que contribui para uma análise sobre a mediação que ocorre entre a escola, a sociedade e os sujeitos em formação.

O saber a ser ensinado, aprendido em determinada época, sofre um processo de seleção, organização, seqüenciação, ou seja, esse saber se torna didatizado, escolarizado e passa a ser agrupado e apresentado no livro didático. Assim, o livro didático foi instituído historicamente, anterior aos programas e currículos, de forma a garantir o aprendizado dos saberes considerados imprescindíveis à inserção das novas gerações na sociedade. Desse modo, os livros didáticos

[...] convertem-se em fonte privilegiada para uma história do ensino e das disciplinas escolares. Analisados sincronicamente ou diacronicamente, eles permitem identificar ou recuperar saberes e competências considerados formadores, em determinado momento, das novas gerações; são as tendências metodológicas que regulam o ensino e a aprendizagem desses saberes em cada momento, a política cultural e social que impõe, em determinada época, uma certa escolarização, e não outra, do conhecimento, da ciência, das práticas culturais (SOARES, 1996, p. 55-6).

Os conteúdos escolares, oficialmente propostos nos livros didáticos refletem os ideais sociais, religiosos, políticos, ideológicos que orientavam a seleção de alguns conteúdos em detrimento de outros. Eles atuam, na verdade, como mediadores entre concepções e práticas políticas e culturais, tornando-se parte importante tanto para a manutenção, como para as mudanças, de determinadas visões de mundo.

A utilização do livro didático como fonte, como documenta a História da Educação, pode contribuir para compreender a trajetória de disciplinas e práticas escolares. Isso requer situá-lo no período em questão, nesta pesquisa, as décadas de 20 a 60 do século XX, que nos possibilita atribuir ao livro didático um significativo valor no que diz respeito à formação dos(as) professores(as), uma vez que, nesse período, o livro didático se constituía em referência primordial para o ensino devido às dificuldades, próprias da época, relacionadas à publicação.

Em relação à autoria dos livros didáticos Soares (1996, p. 59-60) nos esclarece:

[...] os autores da primeira metade do século, em geral personalidades de renome por sua atuação no ensino superior e em instâncias públicas ligadas à Educação, tinham formação em áreas não diretamente relacionadas com o conteúdo para o qual escreviam livros didáticos: Lourenço Filho [...] Aroldo de Azevedo [...] Olavo Bilac [...]
Mas não é difícil explicar por que os autores da primeira metade do século escreviam livros didáticos para disciplinas não diretamente relacionadas com sua formação acadêmica: as Faculdades de Filosofia, criadas com os objetivos de desenvolver estudos em áreas básicas e de formação de professores, só surgem nos anos 30; até então, tanto os professores do ensino elementar e do ensino médio quanto os autores dos livros didáticos eram autodidatas, estudiosos do conteúdo que lecionavam ou sobre o qual produziam textos para o ensino.

A partir dos anos 50, após transcorrido um tempo significativo da criação das faculdades de Filosofia, os livros didáticos passam a ser escritos por aqueles(as) professores(as)/autores(as) oriundos desses cursos. Desse modo, além da formação acadêmica, a prática docente parece ser um importante elemento que transforma os (as) professores (as), principalmente das séries iniciais, em autores (as) de livros didáticos.

Os estados afetivos, de acordo com os livros analisados, são as impressões que recebemos e as excitações, positivas ou negativas, que são produzidas em nós, devido à possibilidade ou não de realização. Será a partir dos interesses vitais, que se desenvolver toda a nossa afetividade. Os estados afetivos se pronunciam como verdadeiras manifestações de “apetites, pendores e inclinações” e, assim, se distinguem não só pela causa, que é a excitação sensorial ou representativa, que a eles está associada na consciência, como pela natureza que é o caráter da tendência solicitada. A afetividade

se divide em dois grupos: dores e prazeres físicos e dores e prazeres morais. Os primeiros são sentimentos inferiores e os outros superiores ou ideais. Consideram como sensoriais ou físicos os estados afetivos ligados a causas exclusivamente sensoriais, e ideais aqueles que derivam de representações mentais. Mas ideal, neste caso, não significa moral, porque um estado afetivo de natureza inferior e orgânica pode ser determinado por uma idéia, ou seja, pode ser ideal, sem ser moral. Por isso a necessidade de conhecer as causas para que se possam caracterizar as espécies de estados afetivos.

Para compreender os estados afetivos, deve-se distinguir e dividir as tendências humanas, que são duas: as tendências de conservação da vida, que levam o indivíduo a se preocupar exclusivamente com os interesses pessoais e a tendência à expansão, simpáticas ou altruístas, que projetam o indivíduo e fazem com que ele compreenda o sentir do outro. Essa última deve ser conservada e aprimorada pelo indivíduo, pois mesmo que nela haja apetites ligados a essas tendências, as suas manifestações “espiritualizam-se ou idealizam-se desde logo, de sorte que, como apetites puros, eles não têm na vida affectiva do homem normal a importancia distincta que têm os apetites ligados à conservação da vida individual” (Manoel José Bomfim, 1928, p. 224).

As manifestações de natureza egoísta são chamadas de inferiores, principalmente aquelas que traduzem os apetites orgânicos, porque são mais simples e mais rapidamente chegam à consciência.

Manoel José do Bomfim (1928) trata essas questões articulando-as com a moral. Para ele, essas tendências, quer sejam egoístas ou não, sempre dão lugar a estados afetivos diretamente relacionados à vida moral; são, portanto, consideradas ideais, uma vez que esses estados afetivos têm, necessariamente, como causa um valor mental.

A afetividade, para esse autor, é, originariamente, a indicação subjetiva sob a forma de prazer ou de dor das atrações e repulsas do organismo quanto às excitações que ele recebe, e que são favoráveis ou não à conservação da vida. Em suas formas mais simples e primitivas os estados afetivos ligam-se aos processos sensoriais, e têm como causa direta a sensação. A afetividade se define em tendências que correspondem, de modo geral, aos interesses vitais do indivíduo. A afetividade original é toda de ordem orgânica, o que determina as sensações.

Manoel José do Bomfim (1928) discute sobre a relação entre a afetividade, moralidade e religiosidade. Para ele, a evolução da afetividade ocorre quando os estados afetivos saem do domínio da pura sensação, deixando de se associar a objetos sensoriais, e passam a associar a objetos mentais, quando se torna importante que o indivíduo aprenda a refrear as tendências ambiciosas e apaixonadas, por exemplo, pela riqueza. As tendências egoístas precisam ser transformadas em tendências de expansão ou altruístas.

O autor faz uma distinção entre os prazeres egoístas e os simpáticos. Para ele, os primeiros estão sujeitos à saciedade, à desilusão, às dores, enquanto os prazeres simpáticos, se não são eternos, acabam sem saciedade nem desilusão; as dores simpáticas são sempre moderadas ou atenuadas. A afetividade egoísta tem exigências que lhe são próprias, sendo que as suas manifestações se desdobram sempre em desejo e satisfação, resultando no indivíduo uma atitude de expectativa e acabando sempre em uma dor

quando não se obtém o desejado, ou na cessação do desejo pela satisfação. Ao desejo sucede o prazer, mas este se encerra fatalmente na própria satisfação. Há uma queda de interesse, o que termina com a excitação e o estímulo, surgindo daí a depressão, a saciedade e o fastio.

Essa saciedade, depressão e esse fastio não ocorrem na simpatia, uma vez que as tendências dessa natureza têm a sua satisfação implícita no próprio desejo, elas não exigem satisfação explícita. Mas, quem tem ambições, conta com um prazer especial como preço dos seus esforços, e terá que suportar os resultados daí advindos, enquanto aquele(a) que se dedica, tem sua realização no próprio ato de dedicar-se, obtendo todo o prazer que tal tendência pode proporcionar.

Em Manoel José do Bomfim (1928), a afetividade pode ser entendida a partir de três designações: emoções, paixões e sentimentos. A primeira corresponde à forma mais primitiva e originária da afetividade humana. São manifestações repentinas e acompanhadas de uma certa perturbação da vida mental, enquanto a paixão é a concretização de uma tendência, poderosa ou mal-educada, em relação a um determinado objeto. A paixão é uma emoção que se tornou doentia, com características de veemência e impulso. Há na paixão, a turbulência mental emotiva. Ela é resultante das emoções repetidas que se degeneram e se convertem em paixões, ou apuram-se e se cristalizam em sentimentos.

A paixão é um traço da vida, não chegando a ser um produto da educação propriamente dita, mas precisa ser educada, pois se for abandonada a si mesma degenera em paixões, sendo o hábito uma das atitudes que contribui para que ocorra a manifestação perturbadora, porque, assim como a repetição, vai embotando a sensibilidade e exigindo impressões e excitantes cada vez mais fortes, vai reforçando e atrofiando as respectivas tendências e acentuando os apetites, o que resulta em exigência afetiva doentia. É nesse processo que surgem as paixões como aquelas relacionadas à comida, ao esporte, ao fumo, ao álcool e que são sintomas mórbidos. A paixão produz sempre uma depressão de energias, em função das reações exageradas, desordenadas e nocivas que seu ardor determina. Na paixão, os estados afetivos perdem seu significado primeiro, não só porque a inteligência, que é o centro das reformas adaptativas, se ofusca ou se anula, como também porque a paixão leva fatalmente a um desequilíbrio dentro da afetividade, uma vez que certas tendências se acentuam, sacrificando alguns dos interesses essenciais do indivíduo em função dos outros.

Antônio de Sampaio Dória (1930) salienta a dificuldade e a “falta de cabimento” em definir prazer e dor, uma vez que nada é mais preciso, claro, imediato e evidente do que o prazer e a dor, basta que já se tenha passado por essa experiência (o que já ocorreu com todos), e se ainda não se passou por tal experiência, uma definição não fará com que os indivíduos entendam essas moralidades afetivas. Essa forma de introduzir esse assunto é muito comum entre os(as) autores(as) dos livros didáticos.

Para o autor o prazer é considerado, geralmente, como a antítese da dor. Lembra, no entanto, que os fisiologistas ainda não determinaram os nervos receptores específicos para o prazer, o que leva a crer que o prazer resulta de uma excitação em grau médio, nem tão pequena que se não perceba, nem tão excessiva que cause dor. Ele indaga se há

alguma finalidade natural na dor e no prazer, ao que responde que a dor parece significar violência às leis naturais, enquanto o prazer significaria concordância com elas. Mas lembra que há leis de conservação e desenvolvimento da natureza, que em sendo desrespeitadas desencadeiam a dor, e cuja aceitação implica prazer, concluindo que o organismo pode viciar-se e os maus hábitos podem trazer alterações nas funções morais, e, nesse caso, a concordância com os hábitos produz prazer, embora seja violência às leis naturais da conservação e desenvolvimento do organismo, o que ocorre com a bebida para os alcoólicos.

Quanto à paixão, o autor afirma serem numerosas e indaga: Quem ignora, ao menos de ouvir, a do amor, a do jogo, a da avareza, a da ambição, a do álcool?. É o que ocorre com a paixão pelo “pano verde” que, segundo o autor, o indivíduo passa a ter uma inclinação irresistível e exclusivista, esquecendo da família, da honra, do dever, da pátria, da amizade, do trabalho, do respeito próprio e alheio. A roleta, as cartas, os dados se tornam deuses e os prazeres supremos da vida. O autor salienta ainda a paixão pelo dinheiro, que impede o indivíduo de ter qualquer outro sentimento.

O autor lembra que ninguém está livre das inclinações instintivas e dos sentimentos, mas que das paixões nós podemos nos livrar, a não ser aqueles indivíduos que “já nascem tarados, com inclinações mais acentuadas, que se avolumam com o tempo, e que terminam por explodir, segundo influências do meio social.

“Nesses indivíduos, a imaginação e a inteligência servem apenas às paixões. Um apaixonado pela mulher de seus sonhos não lhe vê “sinão perfeição onde ellas carecem. A intelligencia deforma a visão do objecto, para affeioal-o ao ideal sonhado. A paixão orienta os pensamentos, justifica-se por mil artificios; o apaixonado raro deixa de estar convicto, e de tentar persuadir a todos da legitimidade da sua paixão” (Antônio de Sampaio Dória, 1930, p. 182).

As questões relacionadas ao prazer e à dor são tratadas, na década de 20, quase que exclusivamente a partir de uma perspectiva neurológica, enquanto o tema relacionado ao prazer é visto sob uma ótica moralista e amedrontadora. Tudo indica que após a leitura de Manoel José do Bomfim e Antônio de Sampaio Dória a respeito da paixão, nenhuma ‘moça normal-ista’ se atreveria a se apaixonar, ou, se isso ocorresse, certamente, ficaria envergonhada de confessar tal vício, pois tal fato poderia levá-la à toda espécie de fatalidade e à demência.

A paixão, para Iago Victoriano Pimentel (1931/1936), é também um sentimento levado ao excesso, que se torna predominante ou exclui os demais sentimentos dos indivíduos. Quanto à emoção, ele afirma que ocorre quando há uma transformação rápida no meio em que nos encontramos, e que não podemos adaptar imediatamente a essa nova situação, assim, manifesta-se em nós um afeto ou sentimento desordenado ao qual chamamos de emoção, que pode ser de medo, de alegria, de tristeza, de cólera. Ao contrário dos sentimentos a emoção se caracteriza por ocorrer de modo repentino, e também com uma duração rápida.

As emoções de acordo com o autor, causam uma obnubilação mental da inteligência, uma perturbação da memória. A atenção, o raciocínio e a vontade

desaparecem temporariamente, e, se a emoção for muito forte, poderá ocasionar a perda completa dos sentidos.

Iago Victoriano Pimentel conclui que a afetividade decorre, primeiramente, do temperamento ou constituição especial do sistema nervoso. Esse temperamento é um legado inalienável, deixados pelos pais, em que também atuam, de maneira mais ou menos marcada, outras influências oriundas do meio externo e dentre essas influências, talvez a mais importante seja a recebida na infância. Assim, a educação não muda o temperamento individual na sua essência, mas pode modificá-lo por meio de hábitos de que se utiliza, ora acirrando ora atenuando alguns dos traços dominantes. Desse modo, as tendências inerentes ao indivíduo tanto podem ser estimuladas e desenvolvidas, como anuladas ou pelo menos atenuadas. Finaliza advertindo que a disciplina das manifestações afetivas talvez seja um dos mais importantes problemas da educação. De modo a educar o indivíduo a se adaptar às circunstâncias da vida social.

Para Justino Mendes (1940), existem dois tipos de paixões: as nobres e as baixas. As primeiras são, por exemplo, o patriotismo, o amor da verdade, o amor da justiça, enquanto as baixas são as avarezas ou as paixões pelo dinheiro, o alcoolismo, etc., que nascem do desenvolvimento excessivo de uma tendência, o que causa uma ruptura do equilíbrio.

Para que a educação seja eficaz é preciso, de acordo com o autor, que o educador tenha o cuidado de intensificar nas crianças as paixões nobres, que servirão futuramente, a si e aos seus semelhantes. Essas paixões nobres que deverão ser trabalhadas e vivificadas são a generosidade, o altruísmo, a justiça, pois assim, a criança aprenderá a “defender seus companheiros fracos de vexames injustos, [e o levará ao] entusiasmo pela prática do bem. O valor, a eloqüência, o talento, dependem das paixões, mas de paixões refreadas, contidas, racionais, dirigidas a seu fim” (Justino Mendes, 1940, p. 115-6). O indivíduo precisa, portanto, aprender a subordinar a paixão à razão. A paixão pode ser apenas um meio e nunca um fim.

Na década de 30, os temas relacionados ao prazer, à dor e à paixão são tratados de forma bastante semelhante à década anterior. Apontam, no entanto, apesar das “inclinações hereditárias”, para o importante papel da educação na formação do indivíduo ponderado e adaptado socialmente, ou seja, cabe à Educação refrear os indivíduos para que eles não se apaixonem. Os exemplos citados nesta década, praticamente não se referem ao amor apaixonado pelos indivíduos, apenas à paixão ligada aos vícios: jogo, bebida, avareza, etc. Continua, portanto, visível o princípio moral que orienta tal discussão.

De acordo com os autores aqui tratados – década de 40 -, a paixão é algo que ocorre subitamente, e para Theobaldo Miranda Santos (1947) a paixão, antes de se revelar na consciência, ela já se encontra formada, o fato de dizerem que elas são súbitas acaba por fazer esquecer que elas apenas emergem inesperadamente, mas são resultantes de um trabalho inconsciente, que pode não ter sido tão rápido e brusco. Essa maneira de explicar a forma abrupta da paixão é peculiar a Theobaldo Miranda Santos, o que não significa que ele explore o significado de inconsciente em uma perspectiva psicanalítica.

Ao comparar a emoção e a paixão, o autor salienta que a primeira é, na realidade, uma manifestação consciente da afetividade, alterando apenas momentaneamente o curso de nossa vida, enquanto a segunda provoca uma transformação interior e profunda, capaz de modificar a estrutura íntima de nossa personalidade.

Theobaldo Miranda Santos (1947) não acredita que as paixões podem ser orientadas, por isso cabe à educação evitá-las, e, para isso fazem-se necessárias medidas preventivas, que consistem em uma vigilância contínua e cuidadosa das tendências da criança por intermédio de medidas repressivas que consistem, antes de tudo, em agir sobre as representações mentais que dão suporte às paixões. A tarefa consiste, portanto, em afastar da imaginação o objeto da paixão, fazendo com que o indivíduo se interesse e ocupe seu pensamento com outros assuntos, ou seja, trata-se de substituir a paixão nociva por uma paixão saudável.

Dor e prazer, mesmo de que modo e intensidades diferenciados, estão presentes em todas as formas de atividade do indivíduo, quer sejam físicas ou psicológicas, e acarretam mudanças fisiológicas relacionadas ao sistema nervoso. O prazer é resultante de uma atividade realizada de acordo com as tendências naturais do indivíduo, ao passo que a dor é consequência de uma atividade desviada de seus fins.

Theobaldo Miranda Santos (1947) salienta que algumas teorias exageram a função do prazer e da dor na existência humana; este é o caso de Freud e de seus discípulos que afirmam que o impulso da libido ou instinto sexual é regido pelo princípio do prazer/desprazer. O aumento da tensão desse instinto seria a causa do desprazer, enquanto que o prazer seria provocado pela liberação do excesso da tensão libidinal.

Ainda se referindo a Freud, lembra que este afirma que a máquina psíquica seria regida pelo princípio do prazer, de modo a satisfazer os impulsos para diminuir o estado de tensão, que é a fonte de sofrimento. No entanto, contra esse princípio surge o princípio da realidade, que obriga o indivíduo a suportar a carga de seus impulsos, quando não pode libertá-los. Nesse caso, os impulsos se voltam para o psíquico, originando a angústia onírica ou neurótica, mas as forças externas do princípio da realidade podem ainda impulsionar o indivíduo além do princípio do prazer.

Alerta que não está admitindo o ponto de vista de Freud, onde fantasia e realidade se confundem, mas que devemos reconhecer que o prazer e a dor têm, na vida do indivíduo, um papel de extrema importância biológica e espiritual e, do ponto de vista biológico, desempenham uma atividade vital, ao manifestar uma atividade favorável ou não às tendências. Recomenda ainda que as indicações do prazer e da dor, não devem ser cegamente obedecidas sem que haja uma reflexão, uma vez que a função biológica dos mesmos é apenas nos mostrar o que é fisicamente bom ou mau, e não o que é moralmente bom ou mau.

Quanto à dor, lembra que esta pode se transformar num eficiente meio educativo, embora devendo atender aos interesses da criança e criar um ambiente de alegria e espontaneidade, o mestre deve dar à criança a vivência do obstáculo, do sofrimento salutar da luta contra as dificuldades. Deve-se buscar, pelo esforço, a virtude.

Na década de 50, contamos com 5 (cinco) autores(as) que discutem sobre o tema proposto: Guerino Casasanta, Iago Victoriano Pimentel, Theobaldo Miranda Santos,

Iva Waisberg Bonow e Afro do Amaral Fontoura. Os três primeiros tratam desse tema de forma semelhante à abordada nas décadas anteriores.

Em relação à paixão, o que difere o pensamento de Iva Waisberg Bonow (1954) dos demais autores é que para ela a paixão não se encontra diretamente relacionada a uma perspectiva moral, no entanto afirma que esta deve ser evitada, a todo custo, por intermédio de atos repressivos. A autora não faz articulação entre a paixão e a educação formal, apenas a apresenta como um sentimento que pode ser experimentado por qualquer indivíduo.

Afro do Amaral Fontoura (1958/1959) não discute sobre o prazer, a dor e a paixão, e sim sobre os fenômenos afetivos na criança, parece que seu objetivo é o de aconselhar e dar dicas a professoras e mães quanto ao modo de agir com a criança.

Quanto às perturbações da afetividade, o autor argumenta que estas ocorrem quando as crianças são abandonadas, maltratadas ou simplesmente não recebem a atenção e o carinho necessários por parte dos pais. E, quanto aos sentimentos da criança, ele assume a premissa de Rousseau de que toda criança é “essencialmente boa, porque Deus não pode fazer coisas ruins” e acrescenta que “ternura, carinho, doçura, pureza angelical – são traços marcantes da alma infantil” (Afro do Amaral Fontoura, 1959, p.204).

Antônio Xavier Teles (1968/1969) discute sobre o comportamento emocional e afirma que os motivos que orientam nossas vidas são mais de ordem emocional do que intelectual, assim, as coisas, as pessoas, as atitudes que nos cercam têm um matiz afetivo, e mesmo que não o percebamos num plano consciente, provocam em nós maiores ou menores reações emocionais. O autor utiliza outro tipo de vocabulário (não utiliza o termo ‘dor’) e suas argumentações não se restringem à perspectiva biológica encontrada na grande maioria dos autores aqui discutidos, contudo, os exemplos e exercícios propostos trazem, também, como nos demais autores, a visão da aplicabilidade imediata da Psicologia.

Nas edições do livro de Iago Victoriano Pimentel, dessa década, os temas em questão são tratados de forma bastante semelhante, há a inclusão de diversos subtítulos na edição de 1967, no entanto, o conteúdo permanece praticamente inalterado. Contudo, ocorrem algumas mudanças, mesmo que pequenas, entre essas duas edições e as edições das décadas anteriores. É possível notar a inclusão de novas teorias, como, por exemplo, a Psicanálise. Mesmo mantendo uma visão ainda organicista, é razoável afirmar que o autor apresenta uma visão mais abrangente do indivíduo, ainda que isso não ocorra de modo explícito e que nem sempre fique visível a teoria na qual busca sustentação para suas discussões.

Inclui uma discussão mais alongada a respeito da afetividade na criança, mostrando como a afetividade, nos primeiros anos de vida apresenta uma característica essencialmente egoística, mas, com o passar do tempo essas inclinações primitivas vão sendo substituídas pelas tendências altruísticas que possibilitarão a socialização.

Discute, também, a respeito da *afetividade e a educação*, lembrando que a afetividade é a mola propulsora de todas as nossas ações e, por isso mesmo, muito mais do que a força da inteligência, ela é o elemento que mais decisivamente contribui para configurar nossa personalidade e para moldar nosso caráter. Apesar de ficar claro que tende a acreditar que

as “aberrações individuais da afetividade” dependem do “natural e do temperamento da pessoa”, características herdadas pelo indivíduo, lembra que a educação contribui para o surgimento de comportamentos anormais e sofrimentos morais nos indivíduos.

Com isso Iago Victoriano Pimentel acredita que a afetividade infantil é instável e incontida, e a disciplina das manifestações afetivas é uma das tarefas pedagógicas mais árduas e ao mesmo tempo mais “sobrelevadas”, mas, para que se tenha sucesso nessa tarefa, é preciso começar desde cedo com uma rigorosa disciplina.

Nos exemplos citados por Iago Victoriano Pimentel quanto ao papel da educação na afetividade, estes são relativos apenas à relação familiar, ou seja, na relação que se estabelece entre mãe e filho, em momento algum o autor se refere à relação entre professor e aluno, o que nos leva a imaginar que a leitora-modelo de Iago Victoriano Pimentel não se transformará em professora, e sim em mãe.

Ruy de Ayres Bello (1964) trata desses assuntos no capítulo intitulado Psicopedagogia da afetividade, o que já nos leva a antever, pelo título, uma perspectiva educativa sobre o assunto.

Tomando a Psicologia Educacional como referência, alerta sobre a importância do estudo sobre os fenômenos afetivos, ou seja, dos fatos da vida psíquica, uma vez que estes afetam a sensibilidade do indivíduo para o prazer e a dor, o agradável e o desagradável. Sendo, portanto, a perspectiva afetiva a que existe de modo mais efetivo na vida psíquica e talvez seja correto afirmar, de acordo com o autor, que toda a vida mental se inicie pela afetividade, e a conduta da maior parte dos indivíduos é mais orientada pelo sentimento do que pela inteligência.

O autor confirma existirem controvérsia entre pensadores (não cita quais) sobre os problemas relacionados à vida afetiva. Lembra que, para alguns psicólogos, não existe diferença entre sentimento e emoção, a não ser aquelas relacionadas ao grau. Assim, as emoções se revelam por um estado mais intenso do que os sentimentos e, por isso, tem maior repercussão na vida psíquica e orgânica. Mas Ruy de Ayres Bello acredita que haja uma diferença entre os sentimentos e as emoções que não seja apenas de grau, mas genérica. Para ele, a emoção se caracteriza por uma perturbação brusca e profunda na vida psíquica e fisiológica, tendo sobre o psiquismo um efeito que pode provocar transtornos, pois a “submerge na tempestade afetiva e sensorial ocasionada pelas reações viscerais”, podendo ser considerada como uma crise do sentimento, enquanto os sentimentos podem ser comparados a uma “corrente de água lenta e tranqüila, exercendo sobre a vida psíquica uma função reguladora e adaptadora” (1964, p.120).

Na década de 60 os termos prazer e dor praticamente não são mais utilizados. Os autores discutem sobre a afetividade, principalmente na criança, sem tomar como eixo esses dois termos. Há a inclusão da pesquisa psicanalítica para se discutir sobre o assunto, no entanto, esta ainda não é explicitamente incorporada nas discussões, nem tampouco é utilizada como referência teórica de destaque.

Em relação ao prazer, mesmo que a linguagem utilizada para conceituá-lo tenha sofrido mudanças, este continua sendo visto com algo temido e maléfico ao indivíduo. Os(as) autores(as) demonstram, em suas discussões, um temor quanto aos vícios e quanto a paixão de um homem por uma mulher e vice-versa. Essa paixão traz o significado

de um amor impuro, que precisa ser evitado. O amor exemplar e almejado é o ponderado, prudente, ou seja, o “amor legítimo”, o amor casto entre os cônjuges e até mesmo o “amor de conveniências”, ou seja, aquele amor que a família arquitetou para a filha.

Com esse estudo, foi possível constatar que os temas tratados nos livros didáticos de Psicologia Educacional, com raras exceções, diferenciavam-se. Há, portanto, uma recorrência na forma de abordar esses temas entre as décadas de 20 e a de 60 do século XX, apesar de haver profundas mudanças sociais, políticas e econômicas não só no Brasil como em todo o mundo.

O livro didático, com sua linguagem específica, representa um suporte à construção de determinado modelo de pensamento, dirige a maneira de pensar e sentir, delinea configurações intelectuais e perspectivas dos indivíduos de uma dada época. Entretanto, entendemos que entre o mundo do texto e o mundo do(a) leitor(a) há múltiplas possibilidades de significações que irão, de certo modo, direcionar a apropriação que será feita, e que a história do livro é radicalmente diferente da história do que é lido e do como é lido, bem como do que é recebido, apropriado. Os mesmos livros ou textos são diferentemente apreendidos, incorporados, manejados, compreendidos, porque “[...] são de facto os condicionamentos não conscientes e interiorizados que fazem com que um grupo ou uma sociedade partilhe, sem que seja necessário explicitá-los, um sistema de representações e um sistema de valores.” (CHARTIER, 1990, p.41).

Apesar das diferenças no processo de apropriação de um determinado texto, entendemos ser relativa essa independência do(a) leitor(a), uma vez que ele(a) se encontra cercado(a) e impregnado(a) pelos códigos, convenções, valores, normas que regem as práticas e expectativas de um determinado grupo ou sociedade em um dado momento. Assim, a leitura, além de situada historicamente, ultrapassa uma simples operação intelectual e abstrata, ela se encontra ancorada também em outra ordem, ela se inscreve nos corpos, nos espaços e nas relações intra e interpessoais. Assim, o modo que temas tais como os aqui tratados, foram abordados nesse período, contribuiu, certamente, para a constituição de um modo de sentir e viver a afetividade, que, com outras máscaras (re)surgem em nossa vida cotidiana.

Referências

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. *A Psicologia da Educação e a construção da subjetividade feminina (Minas Gerais – 1920-1960)*. 2002. 483 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

BELLO, Ruy de Ayres. *Introdução à Psicologia Educacional*. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1964. 371 p. Coleção Didática do Brasil, vol. 22.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

BELLO, Ruy de Ayres. *Introdução à Psicologia Educacional*. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1964. 371 p. Coleção Didática do Brasil, vol. 22.

BOMFIM, Manoel José do. *Noções de Psychologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1928. 379 p.

BONOW, Iva Waisberg. *Elementos de Psicologia*. 1. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos de São Paulo, 1954. 108 p.

_____. *Elementos de Psicologia*. 8. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos de São Paulo, 1966. 108p.

_____. *Manual de Trabalhos Práticos de Psicologia Educacional*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968. 342 p.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos impressos e livros idáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

CASASANTA, Guerino. *Manual de Psicologia Educacional*. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1950. 357 p. Coleção Didática do Brasil, vol. 10.

_____. *Manual de Psicologia Educacional*. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1955. 378 p. Coleção Didática do Brasil, vol. 10.

_____. *Manual de Psicologia Educacional*. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1956. 378 p. Coleção Didática do Brasil, vol. 10.

_____. *Manual de Psicologia Educacional*. 4. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1961. 363 p. Coleção Didática do Brasil, vol. 10.

DÓRIA, Antônio de Sampaio. *Psychologia*. 3. ed. São Paulo: São Paulo Editora, 1930. 379 p.

_____. *Psychologia*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932. 283 p.

_____. *Psychologia*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. 279 p.

FONTOURA, Afro do Amaral. *Psicologia Educacional*. 1. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1958. 496 p. Biblioteca Didática Brasileira, vol.5.

_____. *Psicologia Educacional*. 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1959. 496 p. Biblioteca Didática Brasileira, vol.5.

_____. *Psicologia Educacional: Psicologia da criança (1ª parte)*. 13. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1966. 266 p. Biblioteca Didática Brasileira, vol. 5.

MENDES, Justino. *Psicologia Educacional*. 2. ed. Belo Horizonte: Livraria Católica do Ginásio Arnaldo, 1940. 242 p.

PIMENTEL, Iago Victoriano. *Noções de Psychologia applicadas á educação*. 1. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1931(?). 217 p.

_____. *Noções de Psychologia applicadas á educação*. 3. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1936(?). 217 p.

_____. *Noções de Psicologia aplicadas á educação*. 5. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 19(?). 349 p. Biblioteca de Educação, n. 31.

_____. *Noções de Psicologia aplicadas à educação*. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1945. 349 p. Biblioteca de Educação, n. 31.

_____. *Noções de Psicologia aplicadas à educação*. 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1947. 349 p. Biblioteca de Educação, n. 31.

_____. *Noções de Psicologia aplicadas à educação*. 8. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1953. 316 p. Biblioteca de Educação, n. 31.

_____. *Noções de Psicologia aplicadas à educação*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955. 227 p. Biblioteca de Educação, n. 31.

_____. *Noções de Psicologia aplicadas à educação*. 10. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1958. 227 p. Biblioteca de Educação, n. 31.

_____. *Noções de Psicologia aplicadas à educação*. 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1961. 232 p.

_____. *Noções de Psicologia aplicadas à educação*. 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967. 220 p.

RUDOLFER, Noemy da Silveira. *Introdução à Psicologia Educacional*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. 374 p. Atualidades Pedagógicas, vol. 30.

SOARES, Magda Becker. Um olhar sobre o livro didático. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte: Dimensão, v. 2, n. 12, p.53-63. nov./dez. 1996.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de Psicologia Educacional*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. 447 p. Curso de Psicologia e Pedagogia, vol. 3.

_____. *Noções de Psicologia Educacional*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951. 377 p. Curso de Psicologia e Pedagogia, vol. 3.

_____. *Noções de Psicologia Educacional*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954. 340 p. Curso de Psicologia e Pedagogia, vol. 3.

_____. *Noções de Psicologia Educacional*. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. 343 p. Curso de Psicologia e Pedagogia, vol. 3.

_____. *Manual de Filosofia*. 8. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. 523 p

TELES, Antônio Xavier. *Psicologia Moderna*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1968. 152 p.

_____. *Psicologia Moderna*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1974. 239 p.

_____. *Psicologia Moderna*. 19. ed. São Paulo: Ática, 1981. 239 p.

Recebido em maio 2008
Aprovado em junho de 2008